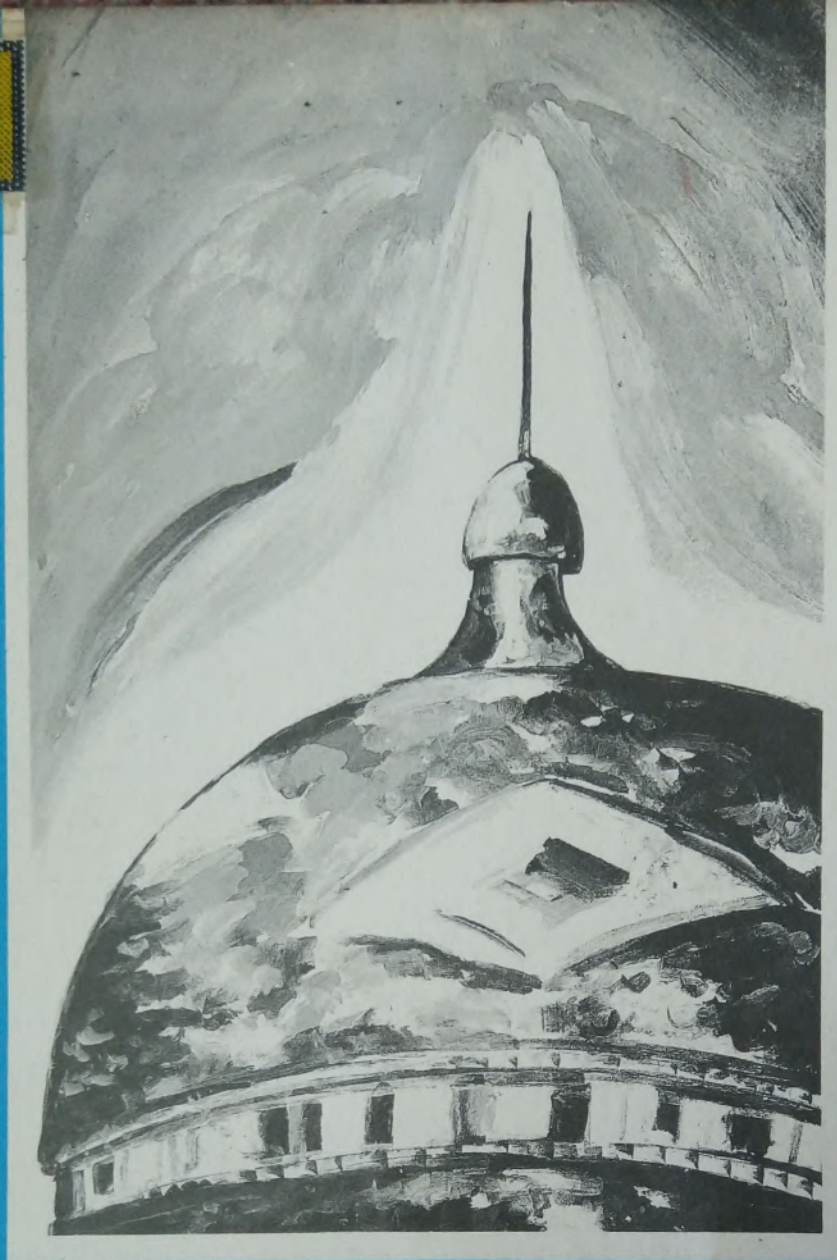


AM-F18

Coleção Robério Braga



LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE MANAUS

**DISCURSO DO RELATOR
VEREADOR ROBÉRIO BRAGA**

MANAUS / 1990

**Discurso do Relator,
Vereador Robério Braga (PFL)
na sessão solene de promulgação
da Lei Orgânica de Manaus, em
5 de abril de 1990**

Am
F18

F 175

Da tribuna a que assomamos pelo voto do povo, cumpre-nos, nesta hora, o último ato como Relator do texto ora promulgado, construído com a vista erguida para o alto onde só pude divisar a luz, no compromisso de maior honra de que poderia ter sido investido a par da graça de legislar para o povo e a reconstrução constitucional do País.

E fizemo-lo na primeira vez em que nos coube sentar na Câmara como representante popular. Defendemos idéias com o empenho de quem herdou trabalho e luta, honra e amor às causas democráticas, como maiores bens. Por vocação e ideal. Promovemos uma luta desinteressada e constante pelos princípios de justiça, igualdade e modernidade: o homem moral de que nos fala Ruy, na perseverança, na coragem, na abnegação; o homem político na devoção à liberdade e ao direito.

Só nos inclinamos às majestades ao direito, da lei, da razão, e da vontade do povo e por estes valores não cedemos a barreiras de qualquer natureza.

O que agora temos - senhores meus, é um ato de consolidação da ordem civil até aqui combalida nos seus fundamentos. É parte continuada da constitucionalização do País dos nossos tempos. Tendes todos função de relevo nesta solenidade. Não sois o povo que vem aplaudir os que cumpriram a missão. Sois o povo que vem conferir força de vida à Lei Orgânica de Manaus, instrumento do nosso desenvolvimento.

A L E I

Esta lei é como ouro nos garimpos mais naturais. Como gênio político assoma do seio do povo, sob céu privilegiado, sob os ventos da democracia e da livre representação. Cada homem do nosso povo nela se verá refletido.

Afinal, que deve ser a lei no grupo social? Instrumento nascido de sua própria cultura, por ânimo da consciência coletiva, sendo tanto o fim como o princípio da ordem social, capaz de ser, por si, instrumento do bem na relação amistosa entre os homens, a servir para a construção do progresso que não vitime os seres edificados com vida na natureza ou os que a ela se integram para doirar os ares, compor-lhes a paisagem, beijar-lhes a fronte com água límpida de fontes eternas.

Dada ao conhecimento amplo da sociedade, penso que deve ir aos lares, posta à mesa como alimento que garante os direitos do cidadão e ser discutida e apreciada para ter força do ser de cada um dos que a ele estão obrigados.

Não a desejamos eterna, porque nem eternos foram os triunfos romanos, as aclamações aos reis, as fortalezas e as armas das grandes guerras, as cidades vencidas e os templos erguidos aos deuses. Mas que seja acessível, forte no valor dos que nos ungiram com a suprema incumbência

de, em seu nome, construí-la. Que seja um sol em dia largo e a todos ilumine enquanto vida tiver, renascendo como o próprio astro a cada hora quando solver problemas e aflições, servir à justiça, ao desenvolvimento com harmonia, ao progresso, quando for pão e vinho na mesa dos que a procurem como instrumento de defesa dos seus direitos.

E quando passar como os homens, as águas, o sol da vida, o ocaso dos dias e das gerações, que nos caiba, a todos, na história que se há de escrever sobre a reconstitucionalização moderna do País e da nossa cidade, a honra de termos cumprido o dever determinado pelas urnas na confiança do nosso povo, sem pecados.

Com ela, aproveita-se e cuida-se dos talentos, dos bens do espírito, dos valores da fortuna, do nascimento, do justo reconhecimento ao trabalho, do estímulo ao crescimento, das questões emergenciais, não só dos mandos, senão a ser mandado, das ciências, das letras e das artes, como da natureza e sua preservação para o bem do homem e da vida, da administração e dos administradores, dos que enfrentam sorte adversa, dos que beijam as águas do negro rio que nos cobre a margem para produzir riquezas, dos que fazem do santo ofício do magistério missão digna da plenitude da obra de formação do caráter, e dos que deram a inteligência e o esforço na construção da sociedade que hoje nos cabe. De todos, enfim. Por todos, é bem verdade.

Procuramos não deixar questões livres à interpretação dos hermeneutas. O texto, como função da Lei Orgânica, deve ele mesmo aprofundar regras que às Constituições competem como princípios.

O PARLAMENTO

A plêiade de mandatários da vontade coletiva organizada em parlamento para os fins desta Lei funcionou serena, paciente, reflexiva, o ânimo equitativo, o juízo moderado pelo mais elevado sentimento de responsabilidade.

Não cedeu à soberba, à desesperação, à pusilanimidade, mas só ao talento da boa conduta. Não teve dúvida a Câmara em subtrair a espada e o cajado pela pena livre das idéias, pela tribuna agigantada com o valor e a consciência moral de todos que a compõem.

Não foram poucos os debates. Intensos os entendimentos e largos os acordos de bancada partidária. Veementes as defesas de propostas, emendas e configurações jurídicas e sociais. Determinados todos na construção de uma Lei Orgânica que conferisse a Manaus, na complexidade dos problemas que vivemos, regras úteis e adequadas à solução das aflições que um crescimento desordenado e a fragilidade do Estado nos concederam, a par da solução de questões outras não podemos olvidar.

AS HONRARIAS

É hora, pois, de dividirmos as honrarias com os que construíram conosco este memorável momento. E tantos merecem, e todos integram a conformação de beleza desta honra, que só um segmento da sociedade pode encarnar os políticos, os técnicos, os juristas, os professores, os cientistas sociais, os pensadores, os sindicalistas, os administradores, os operários que, a nosso lado, edificaram a lei: a imprensa. Sim, porque a imprensa representa a voz mais ampla da sociedade, os anseios mais distantes e recolhidos, as manifestações mais puras de liberdade, porque, sem esta, não há imprensa e sem ela perde o povo seu maior e mais amplo pulmão. E porque ela cumpriu o seu papel em razão do qual a democracia se faz mais forte, desejo, com este trecho, dar ressaltado próprio aos direitos da imprensa e à importância dos jornalistas; devemos dar relevo e esmalte ao papel por ela desempenhado porque assim também o fazemos com todos que se deram a esta tarefa com abnegação e responsabilidade.

Senhores:

Reformada a ordem legal, aguarda-se e reforma moral da política, do Estado dos governos. De nós, que representamos o povo, exige-se honra, devoção maior e respeito à coisa pública, mais que ao cidadão comum. Cumpre-nos compreender a nova missão por que, de todos nós, a sociedade anseia.

NOVA MISSÃO

É preciso reconstruir a política, fazendo desaparecer os males que a corroem, perpetuando valores novos a inocular o mais lídimo sentimento de justiça, a nítida idéia da pátria, os nobres estímulos de caráter.

É preciso exercer com zelo e responsabilidade a política para garantir ao Estado a autoridade que não vitime a sociedade, que suavize as mazelas materiais do povo e que promova os benefícios de uma administração vigilante, austera, incorruptível e abrangente.

Não nos deve bastar criar as leis, como o fizemos com a Lei Orgânica de Manaus, reorganizando as instituições e produzindo reformas de que o Município necessitava.

Novo compromisso, de maior envergadura, cumpre-nos: remodelar os costumes, consolidar as estruturas morais definitivas, atuar na vontade dos homens pela força da representatividade do voto, para que possamos aluir e converter, desagregar e recompor, talar e reconstruir, tarefa da qual não nos podemos omitir.

Devemos usar táticas simples que não contemplem frivolidades, conservacionismo puro, vantagens pessoais, veemências demagógicas, mas que, abominando as questões momentâneas e convencionais imediatas, re-

presentem confiança inquestionável no País que desejamos conferir às gerações por vindouras. Praticar a política na acepção mais nobre, no sentido mais eminente, na defesa da Lei que redigimos e promulgamos para o bem do povo, guiando-o para a bem-aventurança dos seus destinos, como apóstolos das iniciativas benfazejas para novas redensões.

Pensemos: o que espera do povo o político que não a eleição dos sujeitos a quem cometerá o governo; e o povo, o que aguarda do seu leito, senão uma só coisa - que seja, ao longe, o que promete ao perto e ao depois, que não maquine contra ele que lhe conferiu o poder nem contra as leis, nem contra a moral, nem contra os costumes. Como Obrigação de fiel ministro, não deve o povo adorá-lo pelas vãs palavras, mas respeitá-lo pela prática da política que defenda o bem coletivo. Assim sendo, não seja o nome do eleito um trovão prenhe de raios a estremecer cidades e fortalezas, a encrespar o mar e a dominar os homens, mas que lhes toque o coração e a mente pela voz mansa, não inquiete a nada e a ninguém incomode, porque o trabalho que fizer constrói um novo tempo e a liderança se fará por obras e atitudes dignas.

Que o político, não sendo o trovão dos céus, o gladiador indomável das terras, ou a tempestade dos mares, seja a luz como as estrelas e o espírito do povo como os anjos porque quem não tem luz não pode guiar e quem não tem espírito não pode converter, e guiar e converter são missões precípuas do político. Quem não converte pelo amor, pela justiça, pela liberdade, pelo trabalho com honra, não cabe no coração do povo que tem o poder de eleger. Por isso, uns nascem e outros quedam quando nem sempre esperam ser convertidos sem perdão, despachados sem que requeressem, respondidos sem terem antes falado, tudo pelo único detentor do poder temporal dos governos, que é o povo livre e soberano.

Em tudo, na democracia em que impera a vontade comum, haverá sempre a resposta do voto como instrumento de aplauso e reconhecimento, ou desaprovação pelos atos praticados.

PALAVRAS FINAIS

Chegou o momento de começar a obra da nossa renovação. É preciso erguer-nos e caminhar, transformar os valores do mundo, organizá-lo conforme a razão, a verdade, a fé, a lei e a justiça. É preciso vencer a materialidade brutal do nosso tempo, que não se opõe ao exercício da inteligência, como esmaga os afetivos, os ternos, os fracos, os isolados, os que amam a beleza, os que não se fundam nas riquezas materiais, os que não julgam, os que vivem e constroem a vida de igual modo.

O destino está nas nossas mãos. Que com elas façamos o melhor no ideal de servir e reconstruir a vida na parte que nos competir.

No eco desta hora, queria que ficasse a minha oração, sem brados e

clamores, ouvida até na terra dos silêncios e fosse multiplicada a fé no política que o tempo de agora espera: amado e, sobretudo, amado. [sem bajulações].

Está dito em comum o que basta. Agora é fazer. Um novo fazer começa, pois não basta a lei inscrita nas tábuas, que não permitirão aos tempos consumi-la. Não a desejamos eterna, mas permanente enquanto conforme as exigências da sociedade que temos. É preciso que sirva ao povo. Há que servir ao homem sem luz, como ao que ostenta grandezas. A todos, há de servir de igual modo: imparcial e pura. Que assim seja.

